



Ensino & Pesquisa

Ensino & Pesquisa magazine is an interdisciplinary journal of the State University of Paraná (UNESPAR), Center for Humanities and Education. Its objective is to publish scientific articles focused on undergraduate and teacher education. Quadrennial Classification 2013-2016 - Teaching B1. (Preprints Policy-AUTHOREA Platform) ISSN: 2359-4381 <https://doi.org/10.33871/23594381.2020.18.3.104-120>

Os princípios do design universal para aprendizagem como suporte para a prática docente inclusiva

Elizabete Cristina Costa Renders, Pós Doutora (2015) e Doutora em Educação (2012) na área de Ensino e Práticas Culturais pela UNICAMP, com pesquisas desenvolvidas sobre a educação inclusiva. Professora permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Municipal de São Caetano do Sul (2017-atual). É líder do grupo de pesquisa ACESSI (Acessibilidade escolar e inclusão social) e membro do grupo diretor do INCLUDE - rede internacional de colaboração em pesquisa sobre o design universal para aprendizagem. Em suas pesquisas, destacam-se temas como: educação inclusiva, desenho universal para a aprendizagem, epistemologias emergentes, formação de professores, educação especial na perspectiva inclusiva. elizabetecostarenders@gmail.com

Maria Aparecida do Nascimento Gonçalves, Mestre em Educação pela Universidade de São Caetano do Sul (USCS) -2020. Graduada em - PEDAGOGIA - LICENCIATURA PLENA pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora - CES. Especialização em Psicopedagogia pela Faculdade Integrada de Jacarepaguá/RJ e em Educação Especial e Inclusiva com Ênfase em Deficiências Múltiplas e Intelectual pelo IBRA. Larga experiência como docente na Educação Infantil, Ensino Fundamental I, EJA e Especialista em Educação Especial (AEE -Atendimento Educacional Especializado) e CAEE (Centro de Atendimento Educacional Especializado). Orientadora de TCC: Professora/Tutora da EAD - USCS; Professora Auxiliar do Programa de Preparação Pedagógica e Aperfeiçoamento ao Ensino na Graduação da USCS. cidaaeetic@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta um percurso investigativo fundamentado no paradigma da inclusão e no desenho universal para aprendizagem (DUA) como uma abordagem curricular acessível. Tem como objeto de estudos as experiências inclusivas em uma unidade escolar na região do ABCDMRR paulista e pergunta como o design universal para a aprendizagem pode qualificar a prática docente no sentido da construção do currículo acessível no contexto das unidades escolares? O objetivo geral foi apresentar os princípios do design universal para aprendizagem como suporte para a prática docente inclusiva, partindo-se da hipótese que o DUA contribui para o acesso de todas as pessoas ao mesmo percurso curricular, evitando a necessidade de produtos e ambientes exclusivos para as pessoas com deficiência. Trata-se de uma pesquisa narrativa, desenvolvida segundo uma abordagem intervencionista, com a realização de rodas de conversa e entrevistas semiestruturadas junto a um grupo de professoras da rede pública de ensino. Os sujeitos de pesquisa advêm de dois grupos diferentes, sendo três professoras de uma unidade escolar e três professores/pesquisadores do grupo de estudos ACESSI. Os resultados apontaram para: a percepção da existência de um descompasso entre as práticas pedagógicas inclusivas e as decisões de currículo na escola, o envolvimento, interesse e engajamento, por parte das professoras, na busca de novas estratégias para transformar o percurso de ensino aprendizagem no sentido de um planejamento curricular acessível com a aplicação dos princípios do DUA.

Cumprir informar que as pesquisas estão inseridas no âmbito do projeto regular N. 2017/20862-8, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP).

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Educação Especial, Currículo acessível, Formação Docente, Desenho universal para aprendizagem.

Abstract: This article presents an investigative journey based on the paradigm of inclusion and universal design for learning (UDL) as an accessible curriculum approach. It has as object of studies the inclusive experiences in a school unit in the region of ABCDMRR, from the state of São Paulo region, and asks: how the universal design for learning can qualify the teaching practice in the direction of the construction of the accessible curriculum in the context of the school units? The general objective was to present the principles of universal design for learning as a support for inclusive teaching practice, based on the hypothesis that the UDL contributes to the access of all people to the same curriculum path, avoiding the need for exclusive products and environments for people with disabilities. It is a narrative research, developed according to an interventionist approach, with the realization of round-table discussions and semi-structured interviews with a group of teachers from the public school network. The research subjects come from two different groups, being three teachers from a school unit and three teachers/researchers from the ACCESSI study group. The results pointed to: the perception of the existence of a mismatch between inclusive pedagogical practices and curriculum decisions in the school, the involvement, interest and engagement, on the part of teachers, in the search for new strategies to transform the teaching learning journey towards an accessible curriculum planning with the application of the UDL principles. Research grant #2017/20862-8, São Paulo Research Foundation (FAPESP).

Keywords: Inclusive Education, Special Education, Accessible Curriculum, Teacher Training, Universal Design for Learning.

Submissão: 2020-05-18. **Aprovação:** 2020-10-13. **Publicação:**2020-11-25.

Introdução

O panorama atual da inclusão escolar e da educação especial aponta para o Plano Nacional de Educação (PNE) 2014-2024 que busca, predominantemente, em sua Meta 4, universalizar o atendimento escolar para o público-alvo da educação especial nas escolas de ensino regular brasileiras. Portanto, o Brasil, em consonância com a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (ONU, 2006), propôs mudanças no sistema educacional. A educação especial deixou de ter caráter substitutivo e ganhou transversalidade no sistema de ensino, abrangendo desde a Educação Infantil até o Ensino Superior.

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa de mestrado em educação que perguntou: de que maneira o Desenho Universal para a Aprendizagem¹ pode qualificar a prática docente no sentido da construção do currículo acessível no contexto das unidades escolares? Tendo em perspectiva analisar, por meio dos princípios do Desenho Universal

¹ Doravante DUA

para Aprendizagem, objetos de aprendizagem em uso nas unidades escolares, trabalhamos com o semanário de uma sala de educação fundamental.

Nessa perspectiva, o objetivo geral deste artigo é apresentar os princípios do design universal para aprendizagem como suporte para a prática docente inclusiva. De modo específico, busca-se promover a reflexão sobre o planejamento do currículo acessível com as professoras, por meio de oficinas sobre o DUA, bem como da construção de um semanário com base nesta abordagem curricular.

Este trabalho de pesquisa pautou-se nos princípios do Desenho Universal para aprendizagem (DUA), pois esse conceito apresenta meios de promover a acessibilidade ao currículo como mediador flexível do conhecimento, propiciando o ensino-aprendizagem para todos. Nesse sentido, ampara-se nas múltiplas possibilidades de representação do que aprender, nas múltiplas formas de ação e expressão do como aprender e nos múltiplos afetamentos/interesses do porquê aprender (CAST, 2018).

Metodologicamente, realizamos uma investigação empírica, com caráter exploratório, utilizando instrumentos da pesquisa narrativa. Essa opção se deu pela relevância da realização do mapeamento das práticas docentes inclusivas nas escolas a partir das narrativas dos professores e das professoras.

Antes de iniciar uma abordagem sobre a educação inclusiva, é de fundamental importância esclarecer, aqui, que não se deve confundir educação especial com educação inclusiva, pois ambas são diferentes. A educação especial é uma modalidade que deve transversalizar o sistema de ensino por meio do oferecimento do atendimento educacional especializado (AEE) que poderá ser realizado nas escolas ou em outras instituições, sendo seu público-alvo os educandos com deficiência, com transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades (MEC, 2008). A educação inclusiva, por sua vez, nos remete à educação como direito universal, propondo a garantia das condições de acesso e de permanência na escola para todos, respeitando as diferenças, com igualdade e equidade. Portanto, educação especial não é sinônimo de educação inclusiva, mas a ela vincula-se nos termos das políticas públicas inclusivas.

Educação especial e inclusiva: o desafio da abordagem curricular acessível

A educação especial na perspectiva da educação inclusiva vem se expandindo cada vez mais na sociedade contemporânea de forma a contribuir para o desenvolvimento dos

educandos, para a construção de práticas e ações pedagógicas mais inclusivas e a eliminação das barreiras encontradas no ambiente escolar.

Atualmente, no Brasil, a educação especial é uma modalidade educacional que perpassa todos os níveis da educação, das etapas e das modalidades, sendo destinada ao atendimento de alunos com necessidades educacionais especiais.

A inserção de estudantes com deficiência nas escolas brasileiras primeiro se dá com os processos de integração. Importa, portanto, distinguir a integração da inclusão. “A integração propõe uma inserção parcial e condicionada às possibilidades de cada pessoa, propondo uma ação da parte da pessoa com deficiência para adaptar-se ao ambiente como ele é” (COSTA-RENDERS, 2009, p. 66). A inclusão, no entanto, exige a transformação da sociedade no sentido da garantia das condições de acessibilidade para todos os estudantes nas escolas. A “incapacidade passa a ser vista um problema de toda a sociedade e, por conseguinte, a equiparação de oportunidades é uma exigência ética universal” (COSTA-RENDERS, 2009, p. 68).

Continuamente se tem perguntado sobre como garantir participação e aprendizagem para o aluno que esteja em defasagem escolar juntamente com seus pares. Esse aluno necessita de adaptações que possam permitir o seu aprendizado de acordo com suas possibilidades? A educação inclusiva, portanto, tem se pautado em documentos legais que consideram a igualdade de condições para acesso e permanência na escola e o direito à educação especial, com a oferta ao Atendimento Educacional Especializado (AEE) ao público-alvo da educação especial.

Sabemos que a inclusão é um processo paulatino, progressivo e gradativo que vem ocorrendo nos últimos anos, desde a Declaração de Salamanca (1994) que foi o marco que deu início à caminhada em busca de uma educação para todos em todo o mundo. A educação inclusiva caracteriza-se, portanto, como uma política de justiça social de forma a garantir o alcance dos diferentes alunos à escolarização com qualidade. Conforme a Declaração de Salamanca,

[...] as escolas devem acolher todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiência e crianças bem dotadas, crianças que vivem nas ruas e que trabalham, crianças de minorias linguística, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos ou zonas desfavoráveis ou marginalizadas (ONU, 1994, p. 17 - 18).

Para além da consideração da inserção destes sujeitos na escola, o paradigma da inclusão aponta que não é o aluno que deve se ajustar ao meio social, mas sim a sociedade que deve se ajustar e garantir acessibilidade para que todos tenham direito à educação escolar com qualidade. A partir dos anos 90, com o movimento da inclusão educacional e os documentos normativos neste sentido, ganha força a escola inclusiva de forma que o ensino, com suas estratégias e metodologias, deva respeitar as diferenças dos alunos, com possibilidade também das adaptações do processo às reais necessidades dos indivíduos e não de forma contrária a isto. Neste contexto, coloca-se a questão da adaptação curricular.

Dessa forma, a educação especial inclusiva funda-se no direito de todos frequentarem a escola comum, mas depende de mudanças estruturais e culturais na escola e na sociedade no sentido de um movimento de abertura dos espaços sociais a todas as pessoas.

Na perspectiva do processo de inclusão escolar, tanto os alunos público-alvo da educação especial quanto os demais que apresentam qualquer outro tipo de necessidade educacional carecem da flexibilização curricular, pois não há como deixar de pensar a construção de um currículo que atenda às necessidades de todos os alunos, garantindo os direitos de aprendizagem.

Na maior parte das vezes, a abordagem curricular, no entanto, ainda está enraizada em metodologias distantes da realidade dos alunos, com conteúdo prescritivo e padronizado num tempo/espaço escolar. Tal realidade contradiz os princípios inclusivos e nos desafia a buscar caminhos para a construção do currículo acessível. Mas o currículo não é somente a lista de conteúdos a ser apresentada, diz respeito a tudo aquilo que envolve o processo educacional, incluindo a acessibilidade em suas diferentes dimensões (física, comunicacional, atitudinal, pedagógica, etc.)

O design universal para aprendizagem como uma abordagem curricular que apoia a prática docente inclusiva

O Design Universal para a Aprendizagem (DUA) se coloca como uma proposta inovadora no campo educacional para a construção da escola inclusiva. Esta abordagem propõe uma abordagem curricular acessível que atenda às especificidades de todos os estudantes, com ou sem deficiência. Para tanto, o DUA se estrutura em três princípios: múltiplos meios para apresentação do conteúdo, múltiplas formas de ação e expressão e

múltiplas possibilidades de engajamento (CAST, 2018). Entendemos esses três princípios como caminhos mais flexíveis que respeitam as diferenças de cada aluno, permitindo que todos (e cada um) possam avançar no percurso escolar.

Há que se proporcionar meios múltiplos de apresentação, oferecendo os meios diversos para a percepção da informação ou do conteúdo apresentado aos estudantes. Por exemplo, considera-se que o aluno consiga distinguir este conteúdo tanto no modo visual quanto no modo auditivo. Ou seja, o DUA também aponta para os multiletramentos e o uso das diferentes linguagens no processo de ensino aprendizagem.

Há que se proporcionar meios múltiplos de ação e expressão no percurso curricular, permitindo realizar as atividades tanto físicas como teóricas, distinguir quais opções são mais viáveis a estabelecer e cumprir com o que lhe foi proposto, apoiar o situar-se dentro da atividade, diversificar os métodos de respostas e os instrumentos usados (CAST, 2018).

Há que se oportunizar os modos múltiplos de engajamento, apoiando os modos de autoenvolvimento, a autoregulação e o afetamento por estratégias diferentes no percurso do aprender na escola. Sendo assim, o DUA exige um currículo flexível.

Esta abordagem curricular busca apoiar os professores, a fim de eliminar as inúmeras barreiras encontradas no ambiente escolar, permitindo a elaboração de estratégias de acessibilidade para os educandos, com produtos e soluções educacionais que contribuam para que todos possam aprender sem barreiras. Busca-se apoiar os professores no processo de ensino aprendizagem, sugerindo meios que venham reduzir a necessidade de adaptações curriculares focadas em abordagem individual.

As práticas pedagógicas na perspectiva da inclusão escolar, requerem formas flexíveis de ensinar que levem em conta todo um arranjo de vários aspectos tais como modificação do espaço/tempo, elaboração de recursos pedagógicos atrativos para os alunos, uso de tecnologias, entre outros. Desta forma, a abordagem do DUA permite ao docente desenvolver planos de trabalho que têm em conta a variabilidade dos e nos aprendizes.

Existe uma quantidade incrível de variabilidade entre os aprendizes em termos de como eles percebem e respondem a tarefas desafiadoras. Alguns aprendizes são motivados por tarefas altamente desafiadoras ou altamente arriscadas, enquanto outros são mais motivados por tarefas mais previsíveis e "mais seguras" que estão bem dentro de sua capacidade. O fornecimento de uma série de desafios e uma variedade de possíveis apoios permite que todos os aprendizes encontrem objetivos que sejam perfeitamente motivadores. (CAST, 2018, online)

O DUA nos remete a três movimentos pedagógicos importantes: proporcionar meios de envolvimento, múltiplos meios de representação e múltiplos meios de ação e expressão. O planejamento de aulas acessíveis, por sua vez, envolve diversos componentes do currículo como os objetivos, as estratégias, os recursos e os materiais e a avaliação.

Sendo assim, podemos considerar que o DUA assinala a necessidade de criar uma diversificação de objetos educacionais de forma a pensar no espaço físico, organização do tempo, agrupamento de alunos, novas estratégias de ensino para minimizar as barreiras encontradas pelos alunos com ou sem algum tipo de necessidade educacional.

Nos caminhos de uma pesquisa narrativa: dos desafios aos resultados de pesquisa

Esta foi uma investigação empírica, como uma pesquisa exploratória, de natureza narrativa, que contou com a participação professores que atuam no Ensino Fundamental em uma unidade escolar da rede pública de ensino, bem como com professores pesquisadores do grupo de estudos ACESSI (Acessibilidade Escolar e Sociedade Inclusiva). Os instrumentos utilizados foram a entrevista narrativa com os professores/pesquisadores e as rodas de conversa com os professores do Ensino Fundamental.

A narrativa é o melhor modo de representar e entender uma experiência vivenciada pelo narrador. Segundo Clandinin e Connelly (2011, p.18), “uma verdadeira pesquisa narrativa é um processo dinâmico de viver e contar histórias, e reviver e recontar histórias, não somente aquelas que os participantes contam, mas aqueles também dos pesquisadores”.

Optamos pela entrevista narrativa neste projeto de pesquisa, pois ela combina histórias de experiências vivenciadas e contextos sócio-históricos da inclusão escolar, de forma a possibilitar uma maior interação entre os sujeitos pesquisados e a comunidade acadêmica. As entrevistas narrativas foram instrumentos de fundamental importância, pois a partir de uma situação vivenciada, os narradores constroem sentidos por meio de suas experiências.

Infelizmente, durante o percurso investigativo, houve uma descontinuidade no grupo de professores da unidade escolar em virtude da quebra de contrato de algumas professoras com a rede municipal de ensino. Este fato nos revelou o quanto é impactante a realidade da unidade escolar, o que dificulta a construção de uma proposta inclusiva,

Ensino & Pesquisa, União da Vitória, v.18, n.3, p. 104-120, nov./dez., 2020.

porque a todo tempo mudam os atores do processo, causando uma problemática falta de estruturação escolar.

Neste cenário de mudança, outras duas professoras, com perfil similar, foram convidadas a fazerem parte do grupo. Desta forma, seguimos promovendo, na unidade escolar selecionada, rodas de conversa sobre a proposta do design universal para aprendizagem, buscando ampliar o entendimento das professoras sobre a maior variedade de estratégias educativas, pensando no ensino para todos, independentemente da diversidade encontrada nas salas de aula.

O grupo de estudos ACESSI nos apoiou ao responder algumas indagações feitas pelas professoras da unidade escolar a respeito da aplicação do DUA no processo de construção do currículo acessível. Os pesquisadores do ACESSI, com maior experiência na aplicação dos princípios do DUA, contribuíram com respostas claras e significativas para o grupo de professoras da unidade escolar.

Há que destacarmos, nesta pesquisa, o especial interesse dos professores que atuam no atendimento educacional especializado. O número de matrículas dos alunos com deficiência vem aumentando a cada dia e, mesmo com profissionais especializados para este atendimento, ainda faltam recursos, materiais e espaço físico para que a inclusão aconteça de forma efetiva no ambiente escolar. Desde modo, ganhou destaque o interesse dos especialistas do AEE em desenvolver um trabalho voltado a um atendimento que venha minimizar as barreiras encontradas em sala de aula, tanto pelos professores, quanto pelos alunos, no sentido de novas propostas rumo a uma educação de qualidade.

Esta questão ficou explicitada no interesse da professora do AEE em participar das rodas de conversa, da leitura e discussão do texto proposto sobre o DUA e na oficina ofertada no seminário durante o desenvolvimento do trabalho em campo. De acordo com o envolvimento da professora do AEE nas rodas de conversa, ela deixava clara a importância da formação continuada e o quanto foi positivo o desenvolvimento da pesquisa para enriquecer sua prática pedagógica. Para esta professora, até então, as atividades propostas para o trabalho com os alunos do seu atendimento estavam pobres de recursos. Não se fazia um planejamento no coletivo colaborativo neste sentido, envolvendo todos os atores que acompanham os alunos, desde professores, coordenadora pedagógica, especialistas e família. Para ela, “tudo era muito fragmentado e sem objetivos”.

Retomando o tema planejamento, no quadro 2, apresentamos os principais procedimentos de pesquisa e uma síntese dos resultados.

Ensino & Pesquisa, União da Vitória, v.18, n.3, p. 104-120, nov./dez., 2020.

Quadro 2 – Procedimentos e resultados de pesquisa

Constituição de material documentário		Processo de criação de significados	Resultados
Gravação de áudio	<p>Roda de Conversa Realizadas na unidade escolar, com 03 professoras que participam das experiências de inclusão escolar com alunos com deficiência.</p> <p>O disparador foi a Metáfora do Jantar a partir de duas fotos que ilustram o jantar à francesa (um menu fechado) e o jantar à americana (um menu aberto)</p>	<p>Tematização do currículo em ação na escola.</p> <p>Recolha de eventos, datas e afetamentos da/pela prática inclusiva durante a vida escolar.</p> <p>Discussão da privação ou da diversidade de elementos nas práticas docentes cotidianas na escola.</p>	<p>- Percepção da existência de um descompasso entre currículo e as práticas inclusivas, o que impunha barreiras na aprendizagem.</p> <p>- Envolvimento, interesse e busca de novas estratégias de ensino para mudar e transformar o percurso de ensino aprendizagem.</p> <p>- Planejamento da apresentação do mesmo conteúdo em diferentes formas a partir do entendimento do DUA.</p>
	<p>Entrevista narrativa</p> <p>Realizada com 3 Professoras/ pesquisadoras do grupo de estudos ACESSI.</p>	<p>Ressignificação das experiências narradas sobre o currículo a partir dos estudos do DUA.</p>	<p>- Colaboração entre pesquisadores e professoras no sentido do entendimento das possibilidades de aplicação do DUA.</p> <p>- Constituição de uma comunidade de conhecimento sobre a aplicação dos princípios do DUA na prática pedagógica.</p>
<p>Escrita do texto final de pesquisa</p> <p>Identificamos as tensões (temporalidades, pessoas, ação, silêncio, exatidão e contexto) e compomos o sentido da experiência vivida neste processo investigativo.</p>			
<p>Desenvolvimento do Produto</p> <p>Ao final deste processo investigativo, assumimos o compromisso de oferecer à comunidade docente um objeto de aprendizagem que seja de relevância para a sua prática pedagógica. Nesse caso, foi construído um Inventário DUA como apoio aos professores para a construção do currículo acessível.</p>			

Fonte: elaborado pelas autoras em conjunto com os pesquisadores do ACESSI, 2019.

Em perspectiva alguns horizontes para a abordagem curricular acessível

A profissão docente exige não apenas uma formação inicial acadêmica, mas sim uma formação continuada que leve este profissional a refletir constantemente sobre sua prática pedagógica. Neste sentido, entendemos que a transição de um currículo inacessível para um acessível exige a formação de docentes para o desenvolvimento de novos conhecimentos.

Garantir uma educação com qualidade para todos os alunos, independentemente de suas especificidades, prevê formação docente no campo da educação inclusiva por meio de novos paradigmas educativos. Mas, carecemos da

[...] oferta de uma formação que possibilite aos professores analisar, acompanhar e contribuir para o aprimoramento dos processos regulares de escolarização, no sentido de que possam dar conta das mais diversas diferenças existentes entre seus alunos (GLAT; NOGUEIRA, 2002, p.25).

É possível rever concepções e refletir sobre a prática pedagógica frente à diversidade de alunos nas salas de aula. É notório que a solução dos problemas não vem com uma “receita pronta”, mas na busca do conhecimento e nas trocas de experiências no coletivo nos termos do desenvolvimento profissional docente também no campo da inclusão. O professor também necessita de apoio para viabilizar o processo de ensino aprendizagem inclusivo com vistas à garantia dos direitos de aprendizagem de todos os alunos.

Vale ressaltar que, muitas vezes, o docente se sente até mesmo incompetente por não estar preparado para trabalhar com as novas demandas encontradas em sala de aula, onde cada aluno apresenta características diferentes. Entendemos que esta discussão deve ocorrer de forma colaborativa, numa busca compartilhada de estratégias que possibilitem minimizar o enfrentamento dos desafios que permeiam a prática docente o cotidiano escolar.

Cabe à escola organizar espaço físico e tempo, a fim de possibilitar encontros com e entre professores, para que os mesmos possam refletir juntos, de forma colaborativa, numa constante aprendizagem e busca de possíveis soluções diante dos obstáculos, dúvidas, medos e anseios frente à inclusão escolar e aos desafios da implementação da educação especial na rede regular de ensino.

Neste cenário, o percurso investigativo ora apresentado veio ao encontro da possibilidade de desenvolvimento profissional docente no trabalho, promovendo um aprendizado coletivo e colaborativo por meio das rodas de conversas com as professoras de uma unidade escolar do grande ABC paulista.

Selecionamos um grupo de professores diretamente envolvido com a inclusão escolar em uma unidade escolar da rede pública na região do ABC paulista. Esse grupo apresentou notória diversidade de valores sociais, formação e identidade cultural. No contato inicial para composição do grupo, por exemplo, houve algumas divergências de opiniões quanto à inclusão escolar e à apresentação de um currículo acessível baseado nos princípios de DUA, o qual, até então, era totalmente desconhecido.

Após a primeira roda de conversa, houve uma alteração dos sujeitos de pesquisa. Este fato causou, inicialmente, uma descontinuidade no trabalho com grupo de professoras. No entanto, com o tempo, revelou um grupo com maior interesse em estudar, refletir e discutir o desenho universal para aprendizagem, o que foi muito positivo para a continuidade da pesquisa.

No segundo encontro, participaram da roda de conversa, 03 professoras. Nesta fase da pesquisa, fez-se necessário coletar situações problemas que os professores levantaram e identificar quais apresentavam maiores barreiras dentro do espaço escolar, impedindo o pleno desenvolvimento dos alunos no processo de ensino aprendizagem.

A partir das discussões levantadas pelo grupo surgiram algumas indagações sobre o currículo da rede pública de ensino e como o mesmo vem sendo trabalhado nas escolas. O grupo levantou também, os diversos desafios encontrados todos os dias, mediante situações em sala de aula, com alunos que apresentam alguma deficiência ou dificuldade de aprendizagem. Foram pontuadas pelo grupo: falta de estrutura física da escola, pouco material para ser ofertado aos alunos, falta de formação continuada e um currículo a ser seguido pela rede sem a participação coletiva dos profissionais da escola. Ficou perceptível a ansiedade do grupo de professoras por respostas imediatas para as questões pontuadas por elas em suas vivências e pouca experiência com os alunos da inclusão.

De acordo com o relato de uma das professoras participantes a pesquisa, chegamos ao ponto de discussão que eu tanto esperava para falar da proposta do DUA, currículo acessível, pois a mesma fez uso da seguinte fala: “Como ensinar e o que ensinar para estes alunos, sendo que trabalhamos com um grupo de 30 alunos na Educação Infantil?” Uma segunda professora, faz a seguinte indagação: “Somos confrontados todos os dias com situações em sala de aula, com questões sociais, culturais, políticas e curriculares, que nada tem a ver com uma educação inclusiva, de fato. Como devemos agir?” Estas perguntas foram compartilhadas com as professoras pesquisadoras do ACESSI, no momento da entrevista narrativa. Foram respondidas pelas pesquisadoras e encaminhadas às rodas de conversa na unidade escolar. Retornamos às perguntas das duas professoras na terceira roda de conversa. Neste momento, apresentamos as respostas dos participantes do Grupo ACESSI, as quais muito acrescentaram à reflexão, contribuindo de forma positiva para a formação do grupo de professoras nas rodas de conversa. Ficou evidente, para o grupo de professoras, a flexibilidade exigida pelo DUA, a qual consiste na elaboração de estratégias

para a acessibilidade dos educandos por meio de diferentes produtos e soluções educacionais, de forma que todos possam aprender sem barreiras.

Ficou evidenciado, nesta segunda roda de conversa, que se faz necessário partir dos três princípios norteadores para desenvolver um trabalho baseado no DUA. Os princípios (CAST, 2018) são: (I) proporcionar múltiplos meios de representação; (II) proporcionar múltiplos meios de ação e expressão e (III) proporcionar múltiplos meios de envolvimento. Estes princípios responderam à questão da professora sobre o número de alunos, pois apontam para alargar as possibilidades oferecidas a todos os alunos na sala de aula, possibilitando que eles optem por um percurso, visto que cada aluno apresenta seu próprio interesse e diferente percurso de aprendizagem.

Foi notável que a proposta de leitura do texto que apresenta os princípios do DUA fez com que o grupo refletisse sobre a possibilidade de partir dos princípios do DUA para a construção de um currículo acessível. Embora o objetivo tenha sido provocar o grupo de professores e apresentar uma nova proposta de currículo na escola, percebemos o quanto a educação, ainda, está enraizada a um currículo padrão e prescritivo.

Ao final destas duas primeiras rodas de conversa, buscamos identificar os entraves e traçando novos caminhos para a superação das barreiras no processo de ensino-aprendizagem. Ficou combinado com o grupo da unidade escolar, uma terceira Roda de Conversa com a proposta de discutirmos um planejamento de aulas (o Semanário) de forma a contemplar a todos os alunos.

O Semanário é um tipo de planejamento individual, ou seja, apenas a professora responsável pela turma tem acesso à construção do mesmo, seguindo como base a proposta curricular da rede. No entanto, provocamos o grupo a refletir sobre o currículo em ação na escola, no sentido do reconhecimento de que, neste currículo, há sujeitos, caminhos e estratégias de aprendizagem. Há objetos de aprendizagem e recursos. Há família, comunidade, professores e outros sujeitos envolvidos no processo ensino aprendizagem. Portanto, um currículo precisa se deixar afetar e ser aberto para todos. Este seria o currículo narrativo (GOODSON, 2007, p.248), o qual vem ao encontro dos princípios do DUA como uma abordagem curricular flexível e acessível.

Na terceira roda de conversa, ao analisarmos 02 semanários do 1º ano do Ensino Fundamental, com base nas respostas enviadas pelas pesquisadoras do ACESSI, constatamos que este planejamento não estava voltado para o desenvolvimento de todos os educandos, e nem fora pensado respeitando os diferentes. Estava voltado mais para os

Ensino & Pesquisa, União da Vitória, v.18, n.3, p. 104-120, nov./dez., 2020.

conteúdos a serem trabalhados com base na homogeneidade e num padrão monocultural. Estes semanários fundamentavam-se numa planilha com rotina das atividades a ser trabalhada no decorrer da semana, onde encontramos registros superficiais de conteúdos repetitivos e sem objetivos pensados e traçados de forma a atender todos os alunos. Principalmente não levavam em conta o processo de inclusão escolar dos alunos com deficiência na classe comum.

Continuamos a provocar o grupo de professoras, indagando pela maneira que são apresentados os conteúdos para os alunos. Há imagens, sons, exposição de materiais e objetos? Há antecipação do que vai ser trabalho? Como isto é feito? A proposta foi, portanto, retornar às discussões sobre a proposta do DUA e do como aplicar seus princípios nos semanários de forma a contemplar a todos os alunos, com ou sem deficiência, na unidade escolar. A professora do AEE, neste momento, apontou a necessidade de se trabalhar, também com os alunos da Educação Especial, as estratégias que reduzam as barreiras, minimizando a necessidade de atividades diferenciadas e contribuindo efetivamente para uma abordagem inclusiva em toda a escola.

Após as discussões sobre o semanário, ficou mais clara para as professoras a proposta de construção de um currículo acessível, de forma a ampliar as possibilidades de participação e expressão dos alunos no processo de ensino aprendizagem. Com a colaboração do grupo de professoras, reconstruímos o planejamento de forma a utilizar as múltiplas formas de apresentação dos conteúdos e de ampliação das possibilidades de trabalhar com as múltiplas experiências, alargando o grau de influência de cada aluno na abordagem curricular.

A proposta, neste momento, foi uma breve reflexão a partir de algumas perguntas, tais como: de que maneira são apresentados os conteúdos para os alunos? Acontece uma antecipação através de conversa na rodinha ou algum registro sobre esta antecipação? São utilizadas imagens ou exposição do material a ser utilizado? O aluno é reconhecido e integrado como sujeito ativo no processo de construção do planejamento das atividades da semana?

Na continuidade da discussão, algumas falas das professoras foram contribuindo para que as mesmas constatassem as inúmeras possibilidades que o DUA traz para a construção do planejamento, de forma a considerar o aluno como sujeito ativo do processo, a destacar importância da intervenção da profissional do AEE e, por fim, a apoiar as múltiplas maneiras em que os conteúdos seriam apresentados. Na sequência, passamos a

Ensino & Pesquisa, União da Vitória, v.18, n.3, p. 104-120, nov./dez., 2020.

pensar na reelaboração dos semanários até então apresentados, fazendo comparações com a proposta dos campos de experiências da BNCC e a proposta do DUA, a fim de alargar as possibilidades de participação dos alunos do processo de construção do currículo.

Na perspectiva da construção de um currículo acessível a todos os estudantes, faz-se necessário abandonar o planejamento curricular pronto e fechado buscando meios para possibilitar a aprendizagem dos alunos. Em análise do semanário, buscamos identificar as problemáticas apontadas pelas professoras e discutir sobre novas possibilidades da proposta do DUA, potencializando a importância da participação e o sucesso escolar tendo como eixo os três princípios básicos do DUA (CAST, 2018).

Neste processo, o DUA muito contribuiu para a transversalidade da educação especial, criando um ambiente educacional não apenas para os alunos com deficiência, mas também para todos os demais alunos da unidade escolar. O DUA dispensa atenção considerável ao campo da Educação Especial, pois sua origem está diretamente vinculada a esta modalidade educacional. Desde cedo os pesquisadores do CAST perceberam que a abordagem curricular acessível “exige a consideração de diferenças fora de uma classificação hierárquica de capacidade / deficiência” (COSTA-RENDERS, 2019, p.170)². A sua aplicabilidade possibilita a inclusão, apoiando o acesso de todos os educandos ao currículo por meio concepções epistemológicas que apoiam o docente no planejamento de atividades que atendam às necessidades educacionais de todos os estudantes, incluindo os que têm deficiências ou não.

Nesta perspectiva, o DUA muito contribui com a educação especial, pois cria um ambiente educacional não apenas para os alunos com deficiência, mas sim para todos os demais estudantes. Trata-se de um modelo de intervenção que tem como finalidade responder às necessidades educacionais, minimizando as barreiras impostas pelo ambiente escolar e, por consequência, minimizando a necessidade de adaptação curricular.

No que diz respeito ao uso do DUA no Atendimento Educacional Especializado (AEE), os professores especialistas afirmaram que a implantação dos princípios do DUA, de fato, reduz as barreiras existentes no processo ensino aprendizagem e proporcionam o êxito acadêmico dos estudantes em sala de aula.

De acordo com uma professora do AEE da unidade escolar participante desta pesquisa:

² Tradução livre da autora. Texto original: “*Such a perspective demands the consideration of differences outside of a hierarchical classification of ability/disability*” (COSTA-RENDERS, 2019, p, 170).

Ensino & Pesquisa, União da Vitória, v.18, n.3, p. 104-120, nov./dez., 2020.

Não imaginava que o DUA era uma proposta tão interessante para ser aplicada nas escolas de ensino regular. Desde que tomei conhecimento desta proposta, fiquei encantada e já mudei minha prática pedagógica aplicando os três princípios do DUA em atendimentos com os alunos de duas escolas em que atuo como especialista do AEE na rede pública de ensino. Assim, não é mais necessário fazer atividades diferenciadas para os alunos e sim recorrer às adaptações curriculares, quando necessário, que podemos fazer no coletivo, de acordo com as necessidades educacionais e potencialidades de cada aluno. (Professora do AEE, 2019).

Desta forma, pudemos observar o quanto o DUA tem muito a contribuir na prática pedagógica docente, sugerindo meios que venham reduzir a necessidade de adaptações curriculares.

Considerações Finais

Neste momento, importa retomarmos a nossa pergunta de pesquisa e os objetivos postos no desenvolvimento de percurso investigativo. A pergunta inicial foi: de que maneira o Desenho Universal para Aprendizagem pode qualificar a prática docente no sentido da construção do currículo acessível no contexto das unidades escolares? Em busca de resposta para tal pergunta, buscamos apresentar os princípios do design universal para aprendizagem como suporte para a prática docente inclusiva.

Nas rodas de conversa com um grupo de professoras da escola pública, foi possível perceber a necessidade de apresentar novas propostas de estratégias pedagógicas, nos termos da construção de uma escola mais inclusiva. Neste cenário, optamos por pautá-las nos princípios do design universal para aprendizagem, trabalhando a partir de um semanário já conhecido pelas professoras. Em diálogo com as professoras pesquisadoras do grupo de estudos ACESSI, as novas possibilidades foram construídas de forma colaborativa em entrevista narrativa a partir dos questionamentos das professoras da unidade escolar e também em estudos nas rodas de conversa. Este processo apresentou impasses, mas de forma geral, foi exitoso, pois conseguimos aplicar os princípios do DUA no instrumento de planejamento desta escola, a saber, o Semanário.

No decorrer da pesquisa, houve uma descontinuidade no grupo de professoras participantes, ocasionado pela quebra de contrato com a rede municipal de ensino. Este fato nos revelou o quanto é impactante a realidade das escolas públicas na construção de uma proposta inclusiva, há grandes dificuldades quando os atores do processo mudam a

todo o tempo. Isto evidenciou a problemática de estruturação do sistema escolar brasileiro também no que diz respeito aos desafios da educação inclusiva.

No decorrer da pesquisa de campo, foi observado que o ambiente educacional ainda não está suficientemente preparado no quesito acessibilidade de forma a pensar em todas as crianças dentro de um espaço nada inclusivo. Tal perspectiva se fez clara nos encontros com os sujeitos participantes da pesquisa na unidade escolar, quando nas rodas conversa, aplicamos a proposta do design universal para aprendizagem, numa análise reflexiva sobre o modelo de planejamento semanal, o que levou à reelaboração do semanário com base nos princípios do DUA com importante grau de dificuldade em efetivá-lo.

Em resposta a algumas indagações das professoras nas rodas de conversa, os pesquisadores do ACESSI contribuíram de forma bastante significativa com o trabalho na unidade escolar pesquisada. Eles deram novos subsídios para a construção do novo modelo de semanário.

Especialmente no que diz respeito ao Atendimento Educacional Especializado, destacou-se a relevância de uma abordagem curricular apoiada nos princípios do DUA. O DUA é uma forma de reduzir as barreiras educacionais impostas ao educando com deficiência, pois minimiza a necessidade de adaptações curriculares e contribui efetivamente para uma abordagem inclusiva que beneficia não somente o estudante com deficiência, mas a todos os demais.

Nesta pesquisa, portanto, foi possível verificar que algumas escolas ainda não estão estruturadas para a inclusão escolar, porém, existe um grande interesse dos profissionais em buscar, na formação continuada, meios que possibilitem as mudanças necessárias para a sua transformação em um espaço mais acessível e inclusivo. Entendemos que, para que ocorra a inclusão de fato e de forma a garantir o pleno desenvolvimento de todos os alunos, faz-se necessário fortalecer a formação continuada dos professores, buscando aprimorar novas práticas pedagógicas, tendo em perspectiva o alargamento do grau de influência dos alunos nas atividades de aprendizagem. Enfim, nos termos do Goodson, é necessário que haja maior narratividade nas abordagens curriculares.

Entendemos que, para a escola torna-se inclusiva, existe uma profunda necessidade de mudanças na sua organização em termos estruturais, humanos, físicos, pedagógicos, culturais que venham a garantir o acesso e permanência de todos os estudantes. Neste sentido, há que primarmos pelos direitos de aprendizagem, sendo o design universal para aprendizagem uma importante ferramenta de apoio à prática docente inclusiva.

Referências

- BRASIL. **Declaração Mundial sobre Educação para Todos:** plano de ação para satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem. UNESCO, Jomtien/Tailândia, 1990.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Declaração de Salamanca e Linha de Ação Sobre Necessidades Educativas Especiais.** Brasília: UNESCO, 1994.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC, 2008.
- BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC, 2008
- CAST. *Universal Design for Learning Guidelines version 2. 2*, 2018. Disponível em: <http://udlguidelines.cast.org>. Acesso em: 24 ago. 2019.
- CAST. **The three principles of UDL.** Wakefield, MA: Author, 2011. Disponível em: <http://www.udlcenter.org/aboutudl/whatisudl/3principles>. Acesso em: 10 dez. 2018.
- CAST. **Universal design for learning guidelines version 2.2** [graphic organizer]. Wakefield, MA: Author, 2018. Disponível em: http://udlguidelines.cast.org/binaries/content/assets/udlguidelines/udlg-v2-2/udlg_graphicorganizer_v2-2_numbers-no.pdf. Acesso: 10 dez. 2018.
- CLANDININ, D. J.; CONELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiências e história na pesquisa qualitativa.** Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- COSTA-RENDERS, E. C. **Educação e espiritualidade:** pessoas com deficiência, sua invisibilidade e emergência. São Paulo: Papyrus, 2009. Coleção Pedagogia e Educação.
- COSTA-RENDERS, E. C. **Invisibilidade e emergência da Universidade inclusiva na tessitura de uma rede de memórias.** 2012. 211p. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/250710>. Acesso em: 04/06/2019.
- COSTA-RENDERS, E. C. Pedagogy of Seasons and UDL: the multiple temporalities of learning involving the university as a whole. In: BRACKEN, Sean Bracken; NOVAK, Katie. (Org.). **Transforming Higher Education Through Universal Design for Learning an International Perspective.** 1ed.London: Routledge, 2019, v. 1, p. 159-178.
- COSTA-RENDERS, E.C. **A inclusão na universidade:** as pessoas com deficiência e novos caminhos pedagógicos. Curitiba: Editora Prismas, 2016.
- GLAT, R.; NOGUEIRA, M. L. L. **Políticas educacionais e a formação de professores para a educação inclusiva no Brasil.** *Revista Integração*, Brasília (Ministério da Educação e do Desporto/Secretaria de Educação Especial), v.14, n.24, p.24- 27, 2002.
- GOODSON, I. **Currículo, narrativa e o futuro social.** In: *Revista Brasileira de Educação*, v. 12, n. 35, maio/ago. 2007.